

**VARIAÇÃO, COGNIÇÃO E EXPERIÊNCIA: LINGUAGEM, MENTE E SOCIEDADE EM PERSPECTIVA INTEGRADA****VARIATION, COGNITION, AND EXPERIENCE: LANGUAGE, MIND, AND SOCIETY IN AN INTEGRATED PERSPECTIVE\***Dermeval da Hora<sup>1</sup>

Nas últimas décadas, a noção de cognição tornou-se um dos eixos centrais de articulação entre diferentes campos do conhecimento, atravessando a Filosofia, a Linguística, a Psicologia, as Ciências Cognitivas e, mais recentemente, os estudos sobre inteligência artificial. Nesse cenário interdisciplinar, a linguagem ocupa uma posição privilegiada, uma vez que se apresenta simultaneamente como objeto empírico, meio de acesso à mente e prática social historicamente situada. A presente edição temática insere-se nesse horizonte de debates ao propor uma reflexão integrada sobre variação linguística e cognição, entendidas não como domínios dissociados, mas como dimensões indissociáveis da experiência humana.

Tradicionalmente, grande parte dos modelos cognitivos foi construída a partir de uma concepção abstrata de mente, concebida como sistema de manipulação simbólica relativamente independente do corpo, da percepção e do contexto social. Essa concepção, fortemente influenciada pelo cognitivismo clássico e pelo paradigma computacional, privilegiou descrições formais e idealizadas do conhecimento linguístico, frequentemente em detrimento da heterogeneidade, da historicidade e da variabilidade observáveis nas línguas naturais. Em contraste com essa tradição, os estudos linguísticos de orientação sociolinguística, funcionalista e cognitiva vêm reiterando que a variação não constitui um problema a ser eliminado da teoria, mas um dado central para compreender como o conhecimento linguístico é representado, processado e mobilizado pelos falantes.

A Sociolinguística Variacionista, desde seus trabalhos fundadores, mostrou que a heterogeneidade é estruturalmente organizada e socialmente condicionada (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]). Essa constatação tem implicações diretas para a cognição: se os falantes dominam padrões variáveis de uso, então seu conhecimento linguístico não pode ser descrito apenas em termos de regras categóricas, mas deve incorporar dimensões probabilísticas, graduais e sensíveis à experiência. Dizer a mesma coisa de duas ou mais formas com o mesmo valor referencial não é sinal de instabilidade cognitiva, mas evidência da flexibilidade e da sofisticação dos mecanismos mentais envolvidos na linguagem.

Essa perspectiva encontra ressonância em abordagens contemporâneas da Linguística Cognitiva e dos Modelos Baseados no Uso, segundo as quais o conhecimento linguístico emerge da recorrência do uso, da frequência e da interação social (Langacker, 1987; Bybee, 2010, 2016; Croft; Cruse, 2004). Nesses modelos, as representações mentais são concebidas como ricas em detalhes fonéticos, morfológicos e semânticos, organizadas em redes de esquemas e exemplares. A variação, longe de ser periférica, desempenha papel central na formação dessas representações, contribuindo para a categorização, a generalização e a mudança linguística.

Além disso, a interface entre variação e cognição não pode ser pensada fora de sua dimensão social. Estudos sobre percepção, avaliação e significação social da variação

---

\* DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2025v20n2.77986

<sup>1</sup> Professor Emérito da Universidade Federal da Paraíba. Professor Visitante da Universidade

Estadual de Feira de Santana (BA). Pesquisador 1B  
CNPq – Contato: dermeval.dahora@gmail.com |  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9303-5664>

demonstram que os falantes associam variantes linguísticas a identidades, territórios, estilos e valores sociais, ativando inferências automáticas durante o processamento linguístico (Silverstein, 2003; Eckert, 2008, 2012). A cognição linguística, nesse sentido, é também cognição social: envolve memória, atenção, categorização e afeto, articulados às experiências de pertencimento e exclusão que atravessam as práticas de linguagem.

Esse debate ganha novos contornos no contexto contemporâneo marcado pela expansão da inteligência artificial. Modelos artificiais de linguagem, ao operarem sobre grandes volumes de dados, são frequentemente apresentados como evidência de que a cognição pode ser reproduzida em substratos maquínicos. No entanto, tais modelos reavivam questões clássicas sobre a natureza da mente e da linguagem, sobretudo no que diz respeito à experiência encarnada, à intencionalidade e à consciência. A crítica à cognição desencarnada, oriunda da fenomenologia e da filosofia da mente, recoloca o corpo, a percepção e a historicidade no centro da reflexão, oferecendo um contraponto fundamental às leituras puramente computacionais da linguagem.

É nesse campo de tensões teóricas — entre abstração e uso, entre formalismo e experiência, entre cognição artificial e cognição humana — que se situa o presente número. Ao reunir estudos que abordam a variação linguística em diferentes níveis (fonético, fonológico, morfossintático, perceptual e educacional) e a partir de distintos enquadramentos teóricos, este volume propõe compreender a variação como um observatório privilegiado do funcionamento cognitivo da linguagem. Mais do que apresentar resultados empíricos isolados, os trabalhos aqui reunidos dialogam com uma questão comum: como a heterogeneidade linguística informa, estrutura e desafia nossos modelos de cognição.

A partir dessa introdução teórica geral, as seções seguintes apresentam os artigos que compõem o dossiê, organizados de modo a evidenciar diferentes facetas da relação entre linguagem, cognição e experiência social.

## **1. Norma urbana, inserção social e contínuos variacionais: a coda (s) no Rio de Janeiro**

O primeiro artigo aprofunda a reflexão sobre variação fonológica ao articular produção linguística, cognição e organização social do espaço urbano. Ao analisar a variação da coda (s) em duas comunidades frequentemente marginalizadas nos discursos normativos — moradores de favelas da capital e falantes da Baixada Fluminense —, o estudo problematiza concepções dicotômicas de norma e desvio, propondo a noção de contínuo de norma urbana como ferramenta analítica mais adequada à complexidade dos dados.

Fundamentado tanto na Sociolinguística Variacionista quanto nos Modelos Baseados no Uso, o artigo demonstra que os falantes dessas comunidades não se alinham automaticamente a padrões associados à exclusão social extrema. Ao contrário, seus comportamentos linguísticos convergem para aqueles observados em falantes da classe média e em adolescentes socialmente inseridos, revelando que a inserção em redes sociais e instituições de prestígio desempenha papel decisivo na configuração do uso linguístico.

Do ponto de vista cognitivo, o estudo mostra que a centralidade de determinadas variantes — alveopalatais ou posteriores — nas representações lexicais varia conforme o grau de inserção social dos falantes. Essa constatação reforça a ideia de que o conhecimento linguístico é moldado por trajetórias sociais diferenciadas, integrando experiências de mobilidade, escolarização e pertencimento. A variação, nesse sentido, emerge como índice simultaneamente estrutural e social, articulando mente, linguagem e espaço urbano.

## 2. Percepção, saliência e contato dialetal: /t, d/ diante de /i/ em Fortaleza

O segundo artigo desloca o foco da produção para a percepção linguística, examinando como falantes de Fortaleza-CE avaliam e interpretam a realização variável de /t, d/ diante de /i/ em um contexto marcado por intenso contato dialetal intraestadual. Ancorado na Teoria da Variação e Mudança Linguística, na noção de significação social da variação e em estudos sobre atitudes linguísticas, o trabalho evidencia que a variação é também um fenômeno perceptivo e avaliativo, profundamente enraizado na cognição social.

Os resultados indicam que as variantes oclusivas [t] e [d], associadas a variedades do interior e do sul do estado, são altamente salientes na comunidade fortalezense e mobilizam avaliações relacionadas à “nordestinidade”, ao sotaque e à prosódia. A percepção dessas variantes é modulada tanto por fatores sociais internos à comunidade quanto pela experiência migratória dos falantes, revelando que a exposição a diferentes variedades reorganiza esquemas cognitivos e padrões de categorização.

Esse estudo reforça a ideia, recorrente ao longo do volume, de que a variação linguística funciona como índice social (Silverstein, 2003), ativando inferências automáticas durante o processamento da fala. A cognição linguística aparece, assim, indissociável da cognição social, articulando memória, percepção, afetividade e identidade.

## 3. Consciência fonológica, experiência linguística e ensino

O terceiro trabalho desloca a discussão para o campo educacional, examinando a consciência fonológica como eixo central no desenvolvimento do Sistema de Escrita Alfabética. Embora não trate diretamente de variação linguística, o artigo dialoga de forma consistente com os pressupostos cognitivos que atravessam todo o volume, ao conceber o conhecimento linguístico como gradual, experiencial e sensível ao uso.

A partir de revisão bibliográfica e da análise da BNCC, o estudo evidencia que o avanço nas hipóteses de escrita está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento da consciência das unidades sonoras da língua. Ao valorizar práticas pedagógicas que exploram a dimensão sonora da linguagem — por meio de atividades lúdicas, musicais e literárias —, o artigo sugere que a diversidade linguística pode ser compreendida não como obstáculo, mas como recurso no processo de alfabetização.

Nesse sentido, o trabalho contribui para aproximar a pesquisa linguística das práticas educacionais, reafirmando que uma concepção de cognição baseada na experiência e no uso tem implicações diretas para o ensino. A linguagem, mais uma vez, aparece como prática social encarnada, atravessada por história, percepção e interação.

## 4. Variação sintática e estabilidade: a regência do verbo ir de movimento

Ampliando o escopo empírico do número, o quarto artigo aborda a variação morfossintática, analisando a regência do verbo ir de movimento em dados do Projeto NURC de Salvador e do Rio de Janeiro, em duas décadas distintas. Inserido no paradigma da Sociolinguística Quantitativa, o estudo descreve a competição entre as preposições a, para, em e até, com foco analítico na oposição entre a e para.

Os resultados apontam para a predominância da variante a, tradicionalmente associada ao padrão, mas revelam também a atuação sistemática de fatores linguísticos e sociais, como permanência no local, configuração do espaço e faixa etária. A análise evidencia que, mesmo

em contextos de relativa estabilidade, a heterogeneidade ordenada permanece como princípio organizador do uso linguístico.

Ao dialogar com os demais artigos do volume, o estudo reafirma que a variação não é exclusiva de níveis fonéticos ou fonológicos, mas atravessa toda a gramática. Além disso, reforça a pertinência do modelo laboviano para a análise de fenômenos sintáticos, demonstrando que a sensibilidade ao uso, ao contexto e à experiência social constitui traço comum aos diferentes níveis da cognição linguística.

### **5. Organização cognitiva da variação fonológica: representações, exemplares e experiência social**

Dando continuidade ao diálogo entre variação e cognição em nível empírico, o quinto artigo do volume investiga diretamente a organização cognitiva da variação fonológica, tomando como objeto a realização variável da coda (r) em final de palavra no português carioca. Inserido no quadro dos Modelos Baseados no Uso e da teoria dos exemplares, o estudo parte da hipótese de que o conhecimento fonológico dos falantes incorpora representações ricas e detalhadas das formas fonéticas, sensíveis tanto à frequência quanto à experiência social acumulada.

A partir de dados de produção controlada obtidos por meio da técnica de priming, o artigo testa experimentalmente a ideia de que múltiplas variantes — incluindo realizações posteriores, glotais e a ausência da coda — coexistem na representação lexical, organizadas em torno de uma variante dominante. Essa dominância, no entanto, não é uniforme nem abstrata: varia conforme a categoria gramatical e o perfil social dos falantes.

Os resultados indicam que, nos infinitivos, a ausência da coda constitui a variante dominante independentemente da escolaridade, ao passo que, nos nomes, a centralidade da variante com coda emerge apenas entre falantes universitários. Esses achados reforçam a concepção de que a variação não se limita ao plano da performance, mas estrutura o próprio conhecimento linguístico, revelando uma gramática probabilística, graduada e socialmente informada. Assim, o artigo contribui para consolidar uma leitura da variação como dimensão constitutiva da cognição linguística, em consonância com a crítica a modelos abstratos e desencarnados apresentada na abertura do volume.

### **6. Variação gramatical e resolução de conflitos cognitivos: a concordância em Xizronga**

O sexto artigo amplia o debate ao domínio da morfossintaxe, examinando a concordância verbal com sujeitos complexos em Xizronga, língua bantu falada no sul de Moçambique. A análise da combinação de núcleos [+HUM] e [-HUM] revela que a variação gramatical pode ser compreendida como resposta sistemática a conflitos cognitivos e semânticos, especialmente no que diz respeito à hierarquização de traços como animacidade e humanidade.

Os resultados mostram que, salvo contextos específicos envolvendo classes nominais particulares, a combinação desses núcleos gera crises de concordância, resolvidas por meio de estratégias linguísticas distintas: construção comutativa, repetição do verbo e construção impessoal. Essas estratégias evidenciam que a gramática não opera como sistema rígido e fechado, mas como conjunto flexível de possibilidades, sensível a pressões cognitivas, discursivas e comunicativas.

Sob uma perspectiva funcionalista e cognitiva (Givón, 2001; Langacker, 2008), a variação observada em Xizronga pode ser interpretada como manifestação de processos de categorização e esquematização. A alternância entre estratégias de concordância reflete modos

distintos de conceptualizar o sujeito complexo, revelando que a variação gramatical é parte integrante da competência linguística dos falantes.

### **7. Percepção dialetal e cognição social: a fricativa /S/ em coda silábica**

O sétimo artigo do volume desloca a discussão para o domínio empírico da dialetologia perceptual, explorando a forma como falantes de diferentes capitais brasileiras atribuem procedência geográfica a locutores com base na realização variável da fricativa /S/ em coda silábica. Inserido em uma tradição que remonta aos trabalhos de Preston (1999, 2010), o estudo evidencia que a percepção da variação linguística é sistemática, estruturada e cognitivamente orientada.

Os resultados mostram que variantes específicas, como a palatoalveolar e a alveolar, funcionam como índices sociais (Silverstein, 2003), associados a regiões, identidades e estereótipos linguísticos. A associação recorrente entre fricativas palatoalveolares e cidades como Rio de Janeiro e Recife, bem como entre a variante alveolar e São Paulo ou Porto Alegre, revela que os ouvintes mobilizam conhecimentos sociolinguísticos compartilhados, ainda que não especializados, para categorizar a fala alheia.

Do ponto de vista cognitivo, o estudo reforça a ideia de que a variação não é apenas produzida, mas também percebida, avaliada e interpretada socialmente. A noção de “proximidade perceptual” sugere que a experiência linguística dos falantes — marcada por circulação regional, exposição midiática e contatos dialetais — organiza esquemas cognitivos que orientam a identificação e a categorização das variantes. Assim, a percepção interdialeto emerge como espaço privilegiado de articulação entre cognição, variação e identidade.

### **8. Inteligência artificial, cognição e o problema da mente desencarnada**

O único ensaio neste número temático é dedicado a uma reflexão de natureza filosófica que interroga um dos debates mais centrais da contemporaneidade: a possibilidade de equiparação entre cognição humana e cognição artificial. A emergência da inteligência artificial como paradigma técnico e epistêmico não apenas reconfigura práticas sociais e científicas, mas também recoloca questões clássicas sobre a natureza da mente, da consciência e da subjetividade. Nesse contexto, o artigo que inaugura o volume propõe uma crítica fenomenológica à noção de cognição desencarnada, questionando os pressupostos ontológicos que sustentam modelos computacionais fortes de mente.

Ancorado nas contribuições de Merleau-Ponty (1999 [1945]), Dreyfus (1972, 1992), Searle (1980, 1992) e Chalmers (1996), o texto argumenta que a cognição humana não pode ser reduzida a operações formais sobre símbolos, uma vez que emerge de uma corporeidade vivida, situada e intencional. A linguagem, nesse quadro, não é apenas um sistema de regras manipuláveis, mas uma forma de estar-no-mundo, atravessada pela percepção, pela historicidade e pela experiência social. Ao conceber a IA como simulacro de mente, incapaz de acessar os qualia e a intencionalidade da consciência humana, o artigo inaugura um eixo fundamental deste número: a recusa de modelos abstratos e desencarnados de cognição.

Essa crítica possui implicações diretas para os estudos linguísticos, especialmente para aqueles que se dedicam à variação. Se a cognição é encarnada e situada, então o conhecimento linguístico — e, em particular, o conhecimento variacional — não pode ser compreendido fora das práticas sociais, da experiência perceptiva e da história dos falantes. A discussão filosófica inicial, portanto, estabelece o pano de fundo teórico a partir do qual os demais artigos podem ser lidos: a variação linguística como expressão de uma cognição profundamente humana, irreduzível a modelos puramente computacionais.

## Considerações finais da introdução

Em conjunto, os artigos que compõem este número evidenciam que a variação linguística constitui um observatório privilegiado da cognição, permitindo compreender como o conhecimento linguístico se organiza, se atualiza e se transforma a partir da experiência social. Ao articular produção, percepção, representação, norma urbana e ensino, o volume reafirma a necessidade de modelos teóricos que integrem linguagem, mente e sociedade, recusando dicotomias simplificadoras entre competência e uso, estrutura e experiência, cognição e socialidade.

Assim, esta edição temática propõe não apenas uma reunião de estudos empíricos, mas uma tomada de posição teórica: compreender a linguagem humana exige reconhecer a variação como dimensão constitutiva da cognição e a cognição como processo encarnado, histórico e socialmente situado.

## Referências

- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- CHALMERS, David J. *The conscious mind: in search of a fundamental theory*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DREYFUS, Hubert L. *What computers still can't do: a critique of artificial reason*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.
- ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453–476, 2008.
- ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, p. 87–100, 2012.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- LANGACKER, Ronald W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. v. 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008 [1972].
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1945].
- SEARLE, John R. *The rediscovery of the mind*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.

SEARLE, John R. Minds, brains, and programs. *Behavioral and Brain Sciences*, v. 3, n. 3, p. 417–424, 1980.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*, v. 23, n. 3–4, p. 193–229, 2003.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In: Lehmann, Winfred P.; Malkiel, Yakov (org.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 2006 [1968]. p. 95–195.